







Entrevista | Dossiê Intelectuais, movimentos políticos e protagonismo popular

Entrevista com Hugo Blanco Galdos

Vanderlei Vazelesk Ribeiro, *Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro*   

Mariana Bruce Ganem Baptista, *Universidade Federal Fluminense*   

A presente entrevista com Hugo Blanco Galdos é a culminância de uma série de encontros entre um dos revolucionários mais emblemáticos do Peru e o professor da Escola de História da UniRio, Vanderlei Vazelesk. Realizada em agosto de 2016, na sala da casa de Blanco em Lima, a conversa revela dimensões menos convencionais de sua trajetória, de uma maneira não linear ou monotemática. Blanco nasceu em 1934, em Cusco, e faleceu em 2023, na Suécia, cercado pelos filhos. A partilha dessa entrevista é também uma homenagem a quem deixou um legado de raízes profundas na luta anticapitalista, anticolonial e pela (mãe) terra. Em seus últimos anos, reafirmou a centralidade dos saberes indígenas como horizonte de futuro, denunciando o extrativismo e a destruição ambiental.

Nessa entrevista, resgata o quéchua não apenas como idioma, mas como um elo afetivo e de resistência que remonta às suas origens familiares. Fala sobre como a sua consciência política, despertada no ensino secundário em Cusco, ganhou novos contornos na Argentina até chegar ao trotskismo. Vemos como o trabalho assumiu uma dimensão ética central em suas rupturas ideológicas, o que reflete o nascimento de um homem de práxis, cujo pensamento crítico sobre o mundo era forjado no chão da fábrica, na lida com a terra, no contato direto com operários, artesãos, camponeses e indígenas. Blanco reporta-se, ainda, à sua atuação em *La Convención*, departamento de Cusco, que se tornou o epicentro de uma das experiências mais radicais de reforma agrária vinda de baixo da América Latina. Ao viver como *allegado* (trabalhador sem terra própria) nessa região e atuando na organização de comunidades contra o latifúndio, destaca como a própria vivência na roça e nos mutirões de ajuda mútua (*ayni*) foram fundamentais para as reflexões sobre horizontalidade e luta revolucionária que se seguiram em sua trajetória. Em meio às perseguições e prisões que sofreu, o ativista passou

por diversos exílios: depois de capturado e preso devido a sua atuação em *La Convencion*, foi anistiado pelo Governo de Velasco Alvarado, em 1971, sob a condição de exílio e seguiu para o Chile para colaborar com o governo de Salvador Allende e da Unidad Popular; porém, com o golpe de Augusto Pinochet, em 1973, precisou fugir novamente, acabando na Suécia, onde viveu por alguns anos até regressar nos anos 1980; com o autogolpe de Alberto Fujimori, em 1992, no Peru, passou a ser perseguido tanto pelo Serviço de Inteligência Nacional, quanto pelo Sendero Luminoso, o qual denunciava pelo massacre perpetrado contra camponeses e indígenas, e, deste modo, preferiu o autoexílio no México, quando conheceu o movimento zapatista de Chiapas. A entrevista ilumina algumas passagens curiosas e transformações pessoais que passou nessas experiências e que desafiam a imagem do revolucionário austero. Ao fim da vida, Blanco demonstrou que não cabia em rótulos, pois a sua identidade era, acima de tudo, a de um lutador que nunca permitiu que o seu pensar estivesse descolado da prática e do compromisso ético com o enfrentamento às injustiças, à exploração e ao capitalismo.

VR 1. Uma coisa que eu gostaria muito que o senhor me falasse era um pouquinho sobre a sua infância. [Eduardo] Galeano nos conta de uma cena que testemunhou aos dez anos, quando um fazendeiro marcou um indígena com o ferro em brasa. Esse episódio teria sido decisivo para que assumisse uma postura no mundo de luta por justiça. Poderia falar sobre as suas origens? Por exemplo, seu pai, D. Angel Miguel Blanco, era advogado e sua mãe, D. Victoria Galdos, tinha uma pequena fazenda, certo? A sua mãe tinha origem indígena?

HG Bom, não sei, não sei. Todos somos mestiços no Peru, né? Meu pai e minha mãe falavam *quéchua*. O *quéchua* era a língua. Vou dar um exemplo de como o grande democrata [Fernando] Belaúnde [Terry] atropelou muitos de meus direitos. Em uma ocasião, devido a um processo judicial em Cusco, eu deveria ter ficado preso nessa cidade. Porque os acontecimentos foram em Cusco. Porém, me mandaram preso para Arequipa [em 1963]. Uma pessoa que não foi julgada tem presunção de inocência. Portanto, não deveria receber nenhum castigo. Somente deve-se prendê-la para que não fuja. Porém, me mantiveram totalmente incomunicável. Qualquer

carta que eu escrevia tinha que ter o selo da guarda policial. Proibiram-me de receber visitas. Somente meus parentes mais próximos podiam me visitar e com a presença de um sargento escutando a conversa. Então, para mim, o castelhano era muito pobre em afetividade porque, por exemplo, “*madre*”, em *quéchua*, é “*mamá*”, “*madre mia*” é “*mamay*”, “*madrecita mia*” é “*mamachay*”. E aí termina. Mas, em *quéchua*, tem o “*mamacachay*” que já não tem tradução para o castelhano. Então, quando minha mãe veio me visitar, eu queria dizer



o quanto sentia sua falta e falei em *quéchua*, porque o castelhano é pobre, mas como o sargento que estava escutando não entendia *quéchua*, ele disse: “Não, não fale em *quéchua*!”. Ou seja, não podia sequer dizer à minha mãe, em nossa língua, o quanto a queria. Estava proibido de dizê-lo. Então, isso era uma repressão tremenda. Na escola, estudei em uma escola pública, com crianças que também eram de origem camponesa e indígena, nessa época, a maior parte dos cusquenhos falávamos *quéchua*. Castelhano também. A escola era toda em castelhano, mas falávamos *quéchua*.

VR 2. E os seus irmãos?

HG Meu irmão Oscar [Daniel Blanco Galdos] estudou agronomia na Argentina. Eu também gostava de agronomia. Ele esteve preso quando tinha 17 anos por ser aprista. Minha irmã, Luchi [Lucila Blanco Galdos], que tinha 19 anos, também. Eu era o único que estava livre. Tinha 13 anos. Meu irmão e minha irmã foram presos por serem apristas. Não porque cometeram qualquer ato de terrorismo. Não mataram ninguém. Ser aprista já era um delito. No ensino secundário, tínhamos um grupo que, agora chamam de “círculo de estudos”, que líamos coisas

aleatórias. Por exemplo, lemos “O Anti-imperialismo e o APRA [Aliança Popular Revolucionária Americana]”, de [Victor Raul] Haya de la Torre, depois [José Carlos] Mariátegui, [Manuel] Gonzalez Prada. E não havia nenhum universitário que nos ajudava. Por quê? Porque tinham medo que nós os acusássemos, quer dizer, que sem querer os delatássemos. Então, nenhum aprista, nenhum comunista universitário nos ajudava. Nós apenas líamos e nada mais. Foi quando o meu irmão foi para a Bolívia estudar agronomia e, depois, passou e estudou na Argentina. Em Cusco não havia faculdade de agronomia e ir a Lima era mais caro do que ir para a Argentina. Por isso, ele foi estudar lá e, depois, eu também fui.

VR 3. E o seu pai era advogado? Ele também simpatizava com o APRA?

HG Meu pai era advogado. Não simpatizava com o APRA, mas mandava dinheiro ao meu irmão. A única vez que o meu pai participou de algo político foi quando lutou por assistência estudantil, pois estudava e trabalhava, então, era conveniente a assistência estudantil na universidade. Por isso que o perseguiram um pouco. Mas essa foi a única vez. Já eu, lembro de ter participado de uma greve para votar para diretor na escola [em 1951]. Isso porque o presidente do Peru era um militar, [Manuel Arturo] Odría. Então, ele mandou ditadorezinhos aos colégios nacionais – que ainda eram poucos – para reprimir os estudantes. Em Cusco, isso nos pareceu muito, muito abusivo. Se antes o castigo para aquele que se portava mal era sair uma hora a mais do que o horário normal, quando esse diretor entrou, o castigo passou a ser sair duas horas depois durante quinze dias. Também colocou um professor de História do Peru para que ensinasse História Universal e, assim, cometia abusos, né? Depois, por exemplo, tínhamos que cantar o Hino Nacional, e se ele achava que um aluno não estava cantando o hino nacional, punia com duas horas a mais durante quinze dias. Então, fizemos uma greve. Era secundarista ainda. Fizemos a greve, e o governo mandou um tal de Senhor Rosenberg para que viesse tratar esse assunto da greve. O diretor foi recebê-lo no aeroporto e havia uma ala de alunos uniformizados esperando por ele. O diretor dizia: “Veja, os alunos estão comigo. O que acontece é que há uns dois ou três apristas ou

comunistas que estão fazendo greve”. E abrimos caminho para ele passar. Bom, depois disso ele foi para o hotel, acompanhado pelo diretor. E, depois, ele foi sozinho para o colégio. Na porta, os alunos estavam lá, limpinhos, claro. E gritavam: “Viva o Sr. Rosenberg!” e ‘Morra, [Ángel Avendaño] Abarca!’. E ele: ‘Morra quem?’. Essa disciplina era a disciplina da greve, todos estávamos uniformizados como brigadistas, ou seja, com os chefes como ponteiros e tudo isso. Os alunos que foram recebê-lo no aeroporto, aplaudindo e tudo mais eram os grevistas. Abarca era o sobrenome do diretor. Então, disse: “Bom, vamos conversar lá dentro. E eu como Brigadeiro General lhe disse que, enquanto Abarca não saísse, ninguém entrava. “Aqui a greve é total!”. Não é que éramos apristas ou comunistas, mas que queríamos que saísse o diretor. Então, tiveram que mudar a direção. Mesmo sendo uma ditadura militar, tiveram que mudar o diretor. Eles viram que não queríamos um conflito. O que estávamos dizendo com o “Viva, Senhor Rosenberg” era que a nossa greve não era contra todos. Então, mudamos a direção. Essa foi a primeira vez que eu aprendi a usar o mimeógrafo e tudo mais.

VR 4. Depois, o senhor foi para a Argentina cursar agronomia em 1953...

HG Depois, fui para a Argentina. Fui por terra. Peguei um trem até Puno. De Puno, tomei um barco até Huaqui, na Bolívia, para, depois, seguir para La Paz. Em La Paz, fiquei admirado com a quantidade de publicações esquerdistas que havia. Tinha o Manifesto Comunista, e eu não entendia o porquê. No ano anterior, havia ocorrido uma revolução na Bolívia: a de 1952. Então, era por isso que estava cheio de publicações assim. Eu comprei muito material e levei para a Argentina, mas ainda não entendia muito sobre essas coisas. Meu irmão já era Secretário Geral do Partido Aprista na Argentina, em La Plata. Seus companheiros ficaram admirados com a biblioteca que ficou muito enriquecida com os materiais que trouxe. Esse foi o primeiro ano que a esquerda ganhou no Centro de Estudantes Peruanos de La Plata. E nós estávamos ali. Nessa época, eu militava e trabalhava no Centro de Estudantes Peruanos de La Plata e meu irmão era o Secretário Geral do Partido Aprista. Em nosso quarto, circulavam os exilados peruanos. Nosso quarto, posso

dizer, era uma espécie de diretório do APRA. Então, eu me aproximava dos exilados e perguntava sobre o APRA, mas o APRA que me mostravam, eu não gostava. Já não era mais o APRA anti-imperialista ou o APRA que eu tinha lido. Nesse contexto, consideravam que o governo de Perón era uma ditadura, mas os operários apoiavam Perón. Por isso, decidi não entrar para o APRA. Já quanto ao Partido Comunista, o meu irmão tinha me vacinado. Ele dizia que, no Partido Comunista, Manuel Prado era o Stálin peruano.

No Centro de Estudantes, havia liberdade política. Você poderia defender o que fosse. Depois, me disseram que haviam apristas rebeldes na cidade. E tinham também os trotskistas. Então, eu procurava por eles, apristas rebeldes, trotskistas e o pessoal do POR, o Partido Obrero Revolucionario. Quando estava no Perú, conseguiram prender um militante do POR da Argentina. Eram trotskistas, mas eu não sabia. Quando estávamos no Centro de Estudantes Peruanos, um companheiro tinha sugerido que fizéssemos uma manifestação em solidariedade à Guatemala, contra o Golpe [de 1954, que derrubou Jacob Arbenz Guzman], contra as armas e tudo mais. E apoiamos a proposta. Como eu disse, o meu quarto, o nosso quarto, era como um diretório aprista. Então, um dia, um dos apristas disse ao meu irmão: “Você sabe a barbaridade que o Pavón fez?” — Pavón era um aprista. “Sabe a barbaridade que o Pavón fez? Ele levou um trotskista para o Centro de Estudos Peruanos”. Então eu disse para quem falou isso: “Você está caluniando Pavón, vamos ver... qual trotskista levaram?”. Expliquei que o que houve foi que ali se propôs a solidariedade com a Guatemala. E o aprista disse: “O Carlos Ows, foi ele quem Pavón levou”. E o meu irmão riu e disse: “O Hugo estava à procura de trotskistas. Então, você acabou de dar a pista para ele”. Aí, fui à marcha pela Guatemala, encontrei com esse sujeito e perguntei: “Você é trotskista? Bom, eu ando à procura de apristas rebeldes, de Trotsky, gente do POR”. “Eu sou do POR. O POR é trotskista”, ele me disse. Eu sabia que havia trotskistas, sabia do POR, mas não sabia que o POR era trotskista, sabia que tinham também os apristas rebeldes...Então, com qualquer um deles eu queria me conectar porque me decepcionei muito com o APRA e o Partido Comunista. Quem me conectou com o POR foi Ows. E aí me disseram: “Bom, primeiro vamos te dar

palestras para que você nos conheça e, se gostar, entra para o partido”. Eu consegui outros peruanos mais para que nos dessem as palestras. Eles nos deram a palestra: “Se estiverem de acordo, entram; e se não estiverem de acordo, não entram”. E disseram: “Bom, se entrarem, entram como aspirantes, não como militantes. E o aspirante tem todas as obrigações do militante, mas, bem, não tem direitos”. E foi assim que eu me conectei com eles, entrei para o POR Argentino. No Peru, a ditadura de Odría já tinha terminado. Já não estavam mais sendo perseguidos, o APRA e o Partido Comunista.

VR 5. O senhor disse que estava vacinado contra o Partido Comunista. Mas qual era a sua resistência, o seu anticorpo?

HG Diziam que [Manuel] Prado era o Stalin peruano, ou seja, o presidente burguês Prado era o Stalin peruano. Isso meu irmão me dizia. E, na verdade, era certo, porque como lá na Argentina se podia falar livremente, eu perguntava aos comunistas e os comunistas não me diziam que era falso.

Então, foi assim. Bem, depois disso eu vim ao Peru e comecei a pensar... já não me sentia bem na universidade porque o golpe contra Perón estava sendo preparado, e os universitários e a classe média apoiavam o golpe. Então, na universidade, o ambiente já não era bom para mim, por causa da classe média. Quando fui trabalhar em Berisso, nos frigoríficos – pois os peruanos que queriam ir de férias para o Peru iam trabalhar como operários temporários nos frigoríficos e viajavam com esse dinheiro –, vi que as pessoas eram contra o golpe. Os operários. Enquanto isso os estudantes estavam com o golpe. Então, comecei a pensar quando vim ao Peru: o que vou fazer quando for agrônomo? A que fazendeiro vou servir? Ou... eu mesmo vou ser um fazendeiro? Porque, naquela época, era inconcebível que um agrônomo trabalhasse para o campesinato. Então, decidi deixar a universidade para ser operário na Argentina. Aí disse ao meu pai: “Pai, não me mande mais dinheiro porque não vou mais estudar”. “Sim, mas você não vai precisar para os seus livros?”. “Não, para os meus livros, eu mesmo vou ganhar”, disse. E,

verdadeiramente, um operário, na Argentina, ganhava bem. Isso estava bom. Voltei para a Argentina e disse ao meu irmão: “Não vou mais estudar”.

O golpe ocorreu quando eu estava trabalhando na fábrica. Eu tinha que ir às 2 da tarde para a fábrica e as pessoas estavam saindo... “O que está acontecendo?”. “Há um golpe em Buenos Aires”. Então, subimos todos nos caminhões e fomos para Buenos Aires. Mas a gente da Grande Buenos Aires tinha chegado antes de nós. Eles assaltaram depósitos de armas e incendiaram igrejas. Havia operários com suas cruzinhas no peito incendiando as igrejas. Incendiavam porque as igrejas eram a favor do golpe. Por quê? Porque como os partidos de direita já estavam desprestigiados, quem encabeçava as manifestações pró-golpe era a Igreja, com apoio do PC Argentino. Os operários queimavam as igrejas mesmo sendo católicos, mas queimavam as igrejas porque elas apoiavam o golpe. Então, nós já chegamos tarde para isso. Era junho, o ensaio geral do golpe que finalmente derrubou Perón em setembro.

VR 6. E aí, depois, o senhor voltou ao Peru...

HG Bem, nós, peruanos, éramos privilegiados lá no partido na Argentina. Porque, como já havia democracia e não existia mais ditadura no Peru, podíamos regressar. Tínhamos que voltar ao Peru para reorganizar o Partido Trotskista peruano. Digo que éramos privilegiados porque, mesmo sendo apenas aspirantes e nem sequer militantes ainda, assistíamos às reuniões de direção do Partido argentino para nos prepararmos para vir para cá. E, bom, entraram em um acordo: primeiro, iríamos eu e o companheiro Vladimir Valerio. “O primeiro que for demitido, volta para o Peru”. E o primeiro a ser demitido fui eu. E por isso voltei ao Peru. E vim para Lima, pois, como o proletariado era a vanguarda e, em Cusco, não havia proletariado, fui para Lima apoiar a reconstrução do partido no Peru. Para isso, eu tinha que estar em Lima trabalhando em uma fábrica. E eu trabalhei em uma fábrica, em outra, mas eram fábricas pequenas que não tinham sindicato. Até que, por fim, encontrei uma fábrica grande de azeite. Eu precisava me comportar bem nos primeiros seis meses porque, antes disso, eles podiam me demitir [sem justa

causa], mas quando completasse esses seis meses, já não podiam mais. E essa fábrica tinha sindicato. Então, eu tinha que entrar para o sindicato aos seis meses. E enquanto eu estava nesse plano, [Richard] Nixon, vice-presidente dos Estados Unidos, veio ao Peru [1958]. Meu partido, com outros grupos de esquerda, fizeram uma contramanifestação. Eu não participei porque estava trabalhando. E essa contramanifestação acabou sendo muito maior do que se imaginava. Então, houve perseguição. Tive que sair da fábrica, embora não tivesse participado. Mas como eu era do Partido, tive que sair da fábrica e ir para Cusco. Claro, para que não me pegassem. Então, minha irmã, Luchi, trabalhava no jornal *El Comercio*, de Cusco. E ali vi que os “canillitas”, que eram os vendedores de jornal, eram superexplorados.

Desse modo, eu os organizei e fui como delegado deles para a Federação de Trabalhadores de Cusco. Ali, vi que a federação não era uma federação operária, mas de artesãos. Porque, como não havia muitas fábricas em Cusco, os artesãos predominavam. E vi que havia delegados camponeses também, de sindicatos camponeses. Então, percebi que os camponeses de *La Convención* eram a vanguarda. Certa vez, o diretor do jornal mandou me prender por um dia. E, na prisão, encontrei-me com um dirigente camponês que eu tinha conhecido na federação e que também tinha visto no escritório do meu sogro, que era um advogado comunista e assessorava a federação. Eu estava na delegacia. O companheiro Andrés González também estava lá. Ele me disse: “Você, eles vão soltar amanhã, porque não há ordem de captura contra você... mas eu, vão me mandar para a prisão. E isso me preocupa porque sou o terceiro dirigente do sindicato que vai estar preso”. Ele temia que, com isso, as pessoas recuassem e que o fazendeiro vencesse. Aí eu lhe disse: “Bom, então eu vou para *Chaupimayo*” – porque ele era o secretário-geral do sindicato de *Chaupimayo*, de *La Convención*. “Eu vou para *Chaupimayo*”, disse. “Bom, então vá; vá à prisão nos visitar. E lá conversamos”. Então, realmente me soltaram. Depois fui à prisão visitá-los e disse aos três que estavam presos lá: “Bom, eu quero ir para *Chaupimayo*”.

Assim, ali combinamos que eu iria para *Chaupimayo*. Tinha um camponês de *Chaupimayo* que foi encarregado de deixar um cavalo esperando por mim em

Chauilly. Chauilly era o ponto até onde o trem chegava. E de lá eu deveria seguir. Dali, fui a cavalo. Foi a única vez que fui a cavalo para *Chaupimayo*. Das outras vezes, a pé. Cheguei lá e, como eu tinha sido enviado pelos presos, me receberam bem e ali comecei a ficar. Então, houve um congresso quando já havia oito sindicatos em *La Convención*. Era um congresso para formar a Federação dos Sindicatos e me nomearam delegado. Fui para lá como delegado e disseram: “Como é que antes ele veio como delegado dos jornaleiros (*canillitas*) e agora vem como delegado camponês?”. Já tinham averiguado que eu era trotskista, então, não me aceitaram. O “padrinho” da organização que ia se formar [a Federação de Camponeses da *La Convencion*], era a Federação dos Trabalhadores de Cusco. Não havia uma federação departamental, mas sim uma provincial, e o meu sindicato tinha me nomeado como um dos delegados. Acabei por me apresentar ali, mas já tinham descoberto que eu era trotskista. Então, disseram: “Enquanto Hugo Blanco estiver aqui, o Congresso não começa”. Tive que sair e não pude ir ao Congresso da Federação de *La Convención* quando ela foi formada.

VR 7. Isso foi em 1959...

HG Sim, sim. Depois, quando me prenderam por outro assunto, eu me declarei em greve de fome para que me libertassem. A Federação de Trabalhadores de Cusco lançou um comunicado à imprensa: “Nós não temos nada a ver com agitadores”, ou seja, “continuem mantendo ele preso”. Aí, um companheiro do meu sindicato de *Chaupimayo* chegou a Cusco e disse: “Bom, estamos vindo comunicar que todo o sindicato vai se declarar em greve de fome pedindo a liberdade de Hugo Blanco”. “Mas como vocês vão fazer isso contra o Poder Judiciário?”, disse a Federação de Trabalhadores de Cusco a eles. “Não, a greve não é contra o Poder Judiciário, é contra a Federação de Trabalhadores...”. Eles ameaçaram com uma paralisação. Se não me libertassem, a Federação ficaria desmoralizada. Imediatamente me libertaram. Então, já podia ir à Federação porque ficou provado que eu não era um agente do fazendeiro ou agitador externo. Agradei ao chefe do Partido Comunista

de Cusco, que era um advogado, que estava lá na Federação. Agradei por terem me apoiado e tudo mais e, de lá, eles não conseguiram mais me tirar da Federação.

VR 8. E nesse período você trabalhou diretamente com a terra? Como *allegado*?

HG Eu trabalhei como *allegado* porque, como *rendero*, o fazendeiro não teria me aceitado. O sistema em *La Convención* era o seguinte: em primeiro lugar, o Estado dava terras a 10 centavos por hectare para os fazendeiros. Sim, os fazendeiros denunciavam que aquelas terras estavam desabitadas e que ali se podia produzir. “Desabitadas”, né? Elas estavam habitadas pelos amazônicos! Só que os amazônicos, como não queriam ficar trabalhando para os fazendeiros, recuaram. Então, os fazendeiros levaram camponeses da serra [do altiplano] para trabalharem lá. Os fazendeiros davam um pedaço de terra aos camponeses, mas o que lhes faltava era tempo para trabalhar sua própria terra porque tinham que desmatar a floresta, transformá-la em terra cultivável, esperar quatro anos para que produzisse o café ou o cacau ou a coca e tudo mais. Não era como na serra, onde a batata nasce rápido ou as favas produzem no mesmo ano em que se planta. Então, eles davam pedaços menores, no mesmo sistema, para os chamados *allegados*. Eu entrei como *allegado* de um camponês. O companheiro não queria: “Não, não, não, você senta na máquina [mimeógrafo]”. Mas eu não ia ficar na máquina dia após dia, só quando fosse preciso rodar os panfletos — porque tínhamos comprado um mimeógrafo de segunda mão. Então, eu não ia ficar parado lá, eu ia trabalhar.

Lá se trabalha em *ayni*, ou seja, quando chega a vez de um camponês trabalhar, outros camponeses vêm ajudá-lo, para que ele ajude os outros também. Desse modo, no dia que o camponês tinha que trabalhar, eu ia trabalhar com ele todos os dias. O que eu ia fazer? Eu não ia ficar na frente da máquina o dia inteiro; quando tinha que rodar um panfleto, ficava, mas, no resto do tempo, ia trabalhar, sim. Além disso, era politicamente conveniente ir para lá porque os problemas eram discutidos na hora de comer e na roça. Então, por isso também me convinha ir. Então, sim, eu trabalhei. Trabalhava com café, cacau... Era camponês, afinal.

VR 9. E me diga uma coisa, o senhor me falou que teve seis filhos. Então, me chamou muito a atenção algo que me disse: quando nasceu seu o primeiro filho, veio uma menina, a sua primeira menina, e um companheiro falou: “Poxa, seria melhor que fosse homem, porque se fosse homem continuaria a sua luta!”. E você respondeu: “Não, os meninos me amam, mas as que lutam, as que estão mais envolvidas são as meninas: as duas mulheres são Carmen e Maria”.

HG Sim, as mulheres são envolvidas. A filha de Carmen [Sissela Nordling Blanco] é porta-voz do Partido Feminista. Na Suécia, não há mais dirigentes, mas sim porta-vozes, e ela é vereadora do município de Estocolmo pelo Partido Feminista. E a outra, Maria, agora tenho que ir a Cusco visitá-la. Bem, em primeiro lugar, a companheira que esteve comigo na Suécia veio para cá para ficar comigo e queria conseguir trabalho, mas não davam emprego a ela por não ser peruana, porque aqui são muito hostis com os estrangeiros. Tínhamos que nos casar; eu me divorciei do primeiro casamento que tive na Suécia. Me divorciei porque ela também estava na Suécia por causa da filha, mas descobrimos que nem casada dariam trabalho a ela, porque aqui são muito hostis contra os estrangeiros. Nem as mulheres casadas com peruanos têm direito a trabalhar. Então, como ela não podia trabalhar aqui, o meu irmão disse a ela: “Olha, você tem que voltar e terminar seus estudos, porque não pense que o Hugo vai sustentar seus filhos”. Assim, ela voltou para a Suécia e não nos convinha casar porque, na Suécia, ela pagaria mais impostos como mulher casada do que como mãe solteira. Gunilla é o nome dela. Agora ela veio para cá; está em Cusco.

E há a Maria também. A mãe dela mandava a filha em um ano e, no outro, o filho, para que estivessem comigo. Então, poxa, era um sufoco para a Maria voltar para a Suécia. “Mas, pai, é uma tortura viver dois anos na Suécia e só dois meses no Peru”. Quando ela nasceu, como na Suécia só se usava um sobrenome, a mãe dela me perguntou: “Ela vai levar o seu sobrenome ou o meu?”. Eu disse: “Bom, como ela vai ser mais sua filha do que minha, que leve o seu sobrenome”. Então, ficou Maria Berluz; e o rapaz, Oscar Berluz. Maria e Oscar. Mas quando ela atingiu a maioridade, mudou o sobrenome porque pensava em vir ao Peru trabalhar. Se tornou Maria Blanco Berluz. Ela estudou Educação Bicultural. Então, ela veio para

o Peru, mas precisava trabalhar. Embora não tivesse especialidade, entrou para o Instituto Peruano-Norte-Americano para ensinar inglês. Depois, quando surgiu um trabalho em um colégio bicultural, mudou imediatamente, embora tenha passado a ganhar menos nesse colégio. Mas aí ela percebeu que aquilo era apenas um negócio, que não era o que parecia. Por quê? Porque tinha gente de dinheiro que mandava os filhos para esse colégio bicultural. Havia bolsistas indígenas, mas os bolsistas indígenas eram maltratados. Ela e o companheiro dela, que ela conheceu lá também, preferiram renunciar e ir para o campo trabalhar. E ela disse: “Bom, eu quero que minha filha aprenda a comer o que ela mesma cultiva”. E foram para uma comunidade, mas essa comunidade estava muito dividida. Uns eram afiliados de uma ONG, outros afiliados de outra ONG, outros afiliados ao prefeito, outros ao presidente... E acabaram indo para a Suécia para ganhar um pouco de dinheiro. Voltaram e agora estão procurando onde trabalhar a terra. Estão todos em Cusco procurando onde trabalhar a terra e eu vou lá ajudá-los nisso, para que se tornem membros de uma comunidade e aí fiquem bem.

VR 10. **Como foi viver na Suécia, tendo saído do Chile [em 1973]? Foi uma situação muito complexa, muito difícil. Em outro momento falaremos mais sobre o Chile. Por ora, gostaria de saber como foi esse viver na Suécia. Qual a sua impressão? Porque, para você, por um lado, há uma questão cultural, pois até então você tinha estado em países latinos como México, Argentina e Chile. Depois, a Suécia. Como foi essa experiência?**

HG Foi boa. Lá eu não andava à procura de latinos. Eu me envolvia com os suecos, estava na Suécia. Os latinos tinham preconceitos com a política, com a esquerda sueca, que, sim, falava muito da mulher, defendia os homossexuais... Isso a esquerda latina não gostava muito naquela época [anos 1970]. Agora já é diferente. Aqui no Peru, no Brasil também, há organizações LGBT, em Cusco há... Naquele momento, eu preferi me assimilar à cultura sueca. Sim, claro que havia coisas que me chocavam, mas eu queria me assimilar. Por exemplo, o que me chocava? Eu, no Peru, era sectário contra as festas/danças. Quando era jovem, não gostava de

bailes. Eu classificava as pessoas: ou se ocupa de dançar ou se ocupa da luta. E quando fui para a Argentina, ainda tinha esse sectarismo. Então, no partido, uma vez disseram na célula partidária: “Vai rolar uma festa no partido, para tal data e é preciso comprar entrada”. Eu disse: “Bom, eu vou comprar a entrada, mas não vou à festa”. “Não, mas é que a militância também tem que ir à festa”, disseram. “Ah, claro”. Então, eu ia à festa, mas a companheira me puxava para dançar e tudo mais e não gostava; ou seja, eu era um sectário “anti-baile”. Mas na Suécia... Na Suécia diziam: “Bom, vai haver uma festa agora às 8 da noite, em tal lugar”. Tinha que ir e estar lá às 8 da noite e, depois, as pessoas começavam a comer e a conversar assim. E eu perguntava: “E que horas começa a festa?”. “Não, já terminou”, respondiam. Então, ali eu me tornei “pró-baile”. Tanto que quando tive que fazer um giro pelos Estados Unidos, impus como condição: “Bom, tudo bem, mas depois da palestra tem que haver uma festa”. Claro! Mudei como um latino. Então, depois da palestra, íamos a uma festa e os companheiros da América do Norte me disseram: “Compreendemos o motivo pelo qual você pediu isso porque, na palestra, um, dois ou três fazem perguntas e se responde. Mas aqui podemos conversar tranquilamente”. Claro! Eles acreditaram que eu tinha feito isso por essa razão política, mas eu fiz por ser latino, né, então éramos três ou quatro latinos nos Estados Unidos cantando Cielito Lindo, Guantanamera. Isso.

Mas quanto ao resto... a cultura sueca. Gostei da cultura sueca. A língua não me pareceu impossível. Mas a pontualidade, por exemplo. “Não, porque o carro, o ônibus chegava, sei lá, às sete e quatorze”. E às sete e quatorze você tinha que estar esperando. Então, isso eu gostava. Parece que agora isso está se perdendo. Mas naquela época era assim. E, bom, gostei da cultura sueca e gostei da Suécia também. Mas, obviamente, quando pude voltar ao Peru, voltei. Aqui, todos os peruanos eram loucos para sair para o exterior. E eu, louco para voltar. Eu tenho três exílios, e o último exílio foi voluntário. Quando houve o golpe do Fujimori [1992], soube que estava sentenciado à morte pelo Serviço Nacional de Inteligência e, ainda, sentenciado à morte pelo Sendero Luminoso. De qualquer lado, ia morrer. E como não gosto de morrer, falei com a minha companheira sueca que queria sair e me exilar no México, mas não podiam me dar asilo porque oficialmente eu não

era um perseguido. E não podia ficar no México. E ela me disse: “Por que você não se casa?”. Sim, lembro que uma vez me divorciei... perdão. E ela me disse: “Eu tenho [os documentos], eu vou te mandar”. E então ela fez, tirou o documento, mandou traduzir e me enviou; e, com isso, pude me casar no México com a mãe dos meus filhos, Ana. Então me casei com ela, e ela, que era diretora de uma escola Montessori, teve que inscrever a sua escola no ministério para que me dessem visto de trabalho. E deu certo. E eu só podia trabalhar no emprego que minha esposa me desse, que era como administrador da escola. Mas como eu sou uma besta como administrador, eu vivia como vendedor ambulante de artesanato por lá.

VR **11. Ah, isso de trabalhar como vendedor ambulante de artesanato me fez lembrar quando o senhor foi suspenso do Parlamento peruano, em 1983, e foi trabalhar vendendo café. Pode contar essa história?**

HG Bem... um juiz do norte do Peru disse — quando o Sendero Luminoso estava apenas surgindo — que o governo deveria conversar com o Sendero Luminoso. Nossa! Trataram o juiz como se ele fosse senderista. Então, no parlamento, eu disse: “Mas não precisa ser senderista para dizer que é preciso conversar com o Sendero; é precisamente com os nossos inimigos que temos que conversar. Por exemplo, eu não teria nada contra conversar com assassinos como [Adolf] Hitler, como [Augusto] Pinochet, como o general [Clemente] Noel. Aí, um deputado pediu a palavra e disse: “Retire suas palavras. Você ofendeu o general Noel, disse que ele é assassino. Retira o que disse”. E eu respondi: “Sim, retiro minhas palavras, porque Noel não é assassino, mas, sim, um genocida”. Assim, suspenderam a sessão. A regra diz que deveria ser convocada outra reunião e que, nela, se pediria para retirar o que foi dito; se não retirasse, a pessoa seria suspensa. Deveriam chamar para outro dia, mas, no meu caso, chamaram para outra reunião no mesmo dia. “Pela última vez: retire as palavras”, pediram. “Bom, em nome dos oito jornalistas mortos e das centenas de camponeses assassinados, Noel é um assassino e genocida”, respondi. Fui suspenso. Com a maior suspensão possível. Eram 120 dias, quatro meses. Suspenso, portanto, os jornalistas me cercaram e eu

expliquei por que tinha dito que Noel não era assassino, mas um genocida. Mas nem uma palavra de tudo o que declarei foi publicada nos jornais. E um repórter de um jornal sensacionalista me perguntou: “E do que o senhor vai viver? Vai trabalhar?”. Ora, eu fui operário, mas nenhuma fábrica ia me aceitar. Fui camponês, mas não ia plantar no Campo de Marte [Parque em Lima]. Eu já tinha vendido café moído porque a Cooperativa de Café Moído de *La Convención*, quando eu vinha em Lima, me dava café para vender de casa em casa. Algo assim. E o jornal publicou: “Hugo Blanco não vai passar necessidade, vai vender café moído”. Fiquei com raiva por não terem publicado nada das minhas declarações, mas pensei: “Se eu começar a vender café moído, serei o vendedor ambulante mais divulgado do Peru”. Como eu trabalhava com cooperativas de café, procurei a cooperativa de Cusco que me ajudava, a COCLA. Não achei o endereço na lista telefônica. Liguei para a Federação Nacional de Cooperativas Cafeeiras e disse: “Companheiro, não encontro o endereço da COCLA”. “Não, companheiro, faz tempo que a COCLA não tem sede em Lima”. “E quem vende café moído então?”. “Ah, a Café Perú, que fica na Avenida Brasil”. Fui até lá: “Companheiro, quero que me deem café em consignação”. “Olha, companheiro, eu não decido isso, é a diretoria que se reúne na segunda-feira. Com certeza, na segunda, eles te dão, mas por enquanto leve isso de presente”. Ele me deu dois pacotes de café. Cheguei em casa, fiz o café e era delicioso. Então, peguei uma maleta e fui para o Mercado Central vender café moído. “Tem um Hugo Blanco vendendo café moído!”. De início, compravam por curiosidade, mas depois já compravam pela qualidade do café. Uma vez um jornalista me perguntou lá no Mercado Central: “O senhor não tem vergonha de estar vendendo café?”. “Olha, suba um quarteirão e pergunte aos outros deputados se eles não têm vergonha de estar vendendo o Peru. Quando eles responderem, eu te respondo”. E foi assim. Até que no partido me disseram: “Pode ser, pode vender café, mas não basta, você tem que estar no comitê também”. Bom, combinamos que meio dia eu estaria no comitê e meio dia vendendo café moído”.

VR 12. **Eu pude escrever isto: que Lima ganhou seu vendedor de café mais famoso [risos]. Uma outra coisa, o senhor disse que era muito avesso à dança, que era muito resistente a dançar, à festa... Então, naturalmente, você também não gostava nem um pouco de futebol, né?**

HG Ah, bom, sim, eu era torcedor do Cienciano, porque o Cienciano em Cusco era o time dos meus colegas de classe. E do meu irmão, que ficava em Cusco e, igualmente, era torcedor do Cienciano. E quando ele foi para a Argentina, descobriu que o uniforme do Cienciano era igual ao do Independiente. Quando eu fui para a Argentina, ele me levou a um jogo do Independiente contra o Boca Juniors na Bombonera, que é o campo do Boca. Nossa! E o Boca ganhou. Mas, então, poxa, bateram nos torcedores do Independiente.

Eu morava em La Plata e lá havia dois times: o Estudiantes e o Gimnasia y Esgrima, creio eu. E o trem que voltava para Buenos Aires voltava lotado de gente, nossa, ia com gente transbordando. Ou seja, não apenas nos assentos, mas, na parte que fica entre um vagão e outro, as pessoas ficavam ali. Quando perdiam o jogo em La Plata, jogavam pedras nos que vinham de Buenos Aires. E eu disse: “Não, o futebol é uma guerra e eu não gosto de guerras”. Então, não quis saber de mais nada sobre futebol.

VR 13. **Outra coisa que eu queria lhe perguntar é sobre a sua experiência no Chile e sobre Allende contendo todos os grupos de resistência, algo que o senhor escreveu. Havia grupos trotskistas também no Chile quando esteve lá?**

HG Sim, havia um partido trotskista que era pequeno, mas eu não militava nele. Era o Partido Socialista Revolucionario.

VR 14. **O que restou do trotskismo para você hoje?**

HG Bom, quando perguntaram a Marx se ele era marxista, Marx disse que o marxismo não existia. E a Trotsky, quando perguntaram o que era o trotskismo, disse também

que o trotskismo não existe. O que acontece é que, na Quarta Internacional, todos nós nos colocamos contra o stalinismo, mostrando como o marxismo-leninismo serviu à burocracia... Por exemplo: o socialismo em um só país, a revolução por etapas, a burguesia progressista, a coexistência pacífica, todas essas coisas. Então, a nossa razão de ser era para combater isso. E, por isso, nos qualificavam de agentes do imperialismo, disso e daquilo, porque estávamos contra o “único país socialista que existe no mundo” e contra a Terceira Internacional. Mas agora que o stalinismo já foi para o lixo... para que diabos ser trotskista? Esse mesmo raciocínio meu teve a Liga Comunista da França, que era a seção da Quarta. Por isso, se juntou com gente não trotskista para formar o Novo Partido Anticapitalista (NPA). E essa mesma concepção têm os espanhóis, que também se juntaram com gente não trotskista. Se a revolução é internacional? Com certeza é internacional. Ah, bom! E a Quarta teve uma resolução em um de seus congressos que dizia que tínhamos que nos juntar com outros revolucionários e que, se o partido ao qual nos juntássemos não aceitasse a dupla militância, nós deixaríamos de ser militantes da Quarta. Aqui decidimos entrar no PUM [Partido Unificado Mariateguista]. O PUM não aceitava que fôssemos militantes do PUM e militantes da Quarta. Portanto, saímos da Quarta e dizíamos isso honestamente, porque não era como o “entrismo” que praticamos antes, quando estávamos dentro dos partidos comunistas ou social-democratas apenas para tirar gente de lá. Não, era honestamente. Na época, eu era membro do Comitê Executivo Internacional da Quarta. Então, quando viajava à Europa, já não assistia mais às reuniões do Comitê Executivo Internacional. Claro, as pessoas conversavam comigo e tudo mais, mas eu já não ia às reuniões. Havia uma escola de quadros na Holanda, creio eu. E eles já não mandavam convite para nós, os trotskistas, mas sim para a direção do PUM. A direção do PUM era quem indicava quem iria. E entre nós aqui, entre os trotskistas que estávamos dentro do PUM, não nos reuníamos. Já não nos reuníamos porque não era entrismo o que estávamos fazendo. Depois, o PUM guinou para a direita... formou outro partido. Então, eu já não entrei nesse partido e, por isso, fiquei sem partido. O PUM foi minha última experiência partidária. E não creio que entraria em um agora. Temos uma organização internacional

chamada *Pueblos en Camino*. Desse modo, nos conectamos pela internet ou por outro sistema parecido. E, de vez em quando, fazemos reuniões onde se fala das distintas lutas. Por exemplo, a última reunião em que estive foi uma sobre Celendín, em Cajamarca [resistência popular contra o projeto de mineração Conga (da empresa Yanacocha), que ocorreu com maior intensidade entre 2011 e 2012]. Falamos dali. Informamos aos companheiros sobre Celendín, informamos sobre todas as partes das lutas. Não é uma organização estruturada, que tem disciplina, reuniões, é mais um diálogo. Estamos conectados para agir assim. Por exemplo, na [Revista] *Lucha Indígena*, o editor pertence a um partido da Quarta — porque há muitos grupos agora que se dizem da Quarta Internacional —, o companheiro de Cusco é anarquista, e eu não sou nada.

VR 15. **Eu sinto na sua fala um eco anarquista. Um eco. Porque quando você fala da horizontalidade...**

HG Bom, não me interessa que me digam que sou anarquista, ou libertário, ou trotskista, não me interessa o rótulo. Eu sigo lutando.